

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 75

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 1,200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1,300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2,500. Semestre, 1,250 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os avs. assignações tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

A lembrança d'aquella noite não se apagava, antes se avivava, no espirito de Éline. E começou a achar peccados em toda a parte e em toda a gente.

Em volta d'ella ninguem dava pela sua perturbação, pela penetração lenta que aquella idéa fixa ia fazendo em todo o seu ser.

A mãe, que a achara exquisita ao sahir da Avenida de Termes, voltou logo á sua confiança e agora estava toda entregue á embriaguez d'aquelle casamento, que era tanto do seu agrado. A filha dizia-lhe: «Mais tarde, mais tarde, não nos apressemos, temos tempo...» mas a pobre mulher é que estava longe de perceber o motivo de taes palavras.

Um dia bateu á porta de sua casa a propria Autheman. Madame Ebsen ficou louca de vaidade. Madame Autheman em pessoa! A mulher do grande banqueiro em sua casa!

Que distincção! Que honra!
«E Linette que não está em casa!» exclamou Ebsen pesarosa.
«Não tem duvida, passaremos sem ella» replicou Autheman com o sorriso calmo que lhe era habitual.

Madame Autheman ia offerecer a madame Ebsen o dobro do que Éline ganhava nas suas leccionações para as trocar pelo ensino nas escolas evangelicas de Port Sauveur, que madame Autheman sustentava no seu proprio palacio d'esse pittoresco arrabalde de Paris.

O dobro era dinheiro. E depois a honra. Que honra! Que honra!

Madame Autheman insistiu sobre a fadiga de Éline, sobre o perigo que corria essa joven e linda rapariga atravez das ruas de Paris, sózinha. Ao passo que se fosse a Port Sauveur iria no coupé de Madame Autheman, que a iria sempre buscar a casa. Almoçava em Port Sauveur e regressava antes da noite. Que, mesmo, se se demorasse, não faltavam quartos em Port Sauveur para ella dormir.

«Isso nunca, gritou espontaneamente madame Ebsen. Nunca eu poderia dormir sem sentir a minha filha ao pé de mim.»

— Amaes muito vossa filha? perguntou em tom grave madame Autheman levantando-se.

— Muito, respondeu Ebsen, surprehendida com o tom sério e profundo em que era feita aquella estranha pergunta. E' a unica pessoa que tenho no mundo. Nunca nos separámos. Nunca nos separaremos.

— Comtudo vae-se casar...
— Sim, mas ficaremos vivendo juntos. Foi a primeira condição imposta.

Chegavam ao patamar.
— Disséram-me que esse senhor Lorie não era da verdadeira egreja, que não pertencia á nossa religião, disse madame Autheman, descendo, como quem não dá grande importancia ao caso.

Madame Ebsen ficou perturbada, conhecendo o espirito beato da Autheman.

— Sim. Mas o casamento faz-se na egreja evangelica. Éline logo assim o declarou.

— Eu vos saúdo, madame, disse a mulher do banqueiro em voz brusca.

E o coupé partiu a todo o trote, levando consigo a alegria vaidosa, que sentia a Ebsen, ao vêr que toda a visinhança tinha conhecimento d'quella honrosa visita.

Pobre mulher!

Éline tinha uma amiga, tambem professora, tambem beata, mas catholica. Anteriormente, Éline troçava d'aquella beaterie. Agora não. A amiga, que estava no estrangeiro, escrevia-lhe. E Éline cahia em profunda meditação sobre as suas cartas, infiltrando-se cada vez mais das idéas de morte, de renuncia, de aniquillamento que eram o assumpto de cada uma d'ellas e que são communs ás duas religiões, com differença unica nos termos.

As idéas da amiga catholica eram as que encontrava nas escolas e no palacio protestante de Port Sauveur. E cada vez se asenhoreavam mais d'ella.

A primeira resolução que tomou foi não casar com Lorie sem elle se converter á egreja evangelica. Nunca pensara n'isso. Mas agora estava resolvida. E disse-o ao noivo.

— Éline, Éline, respondeu elle, quando se tem verdadeiro amor, não está o coração acima d'essas coisas?

— Acima da crença não ha nada... replicou ella.

O noivo accedeu.

Éline quiz então converter tambem as creanças. Lorie viu n'isso uma profanação á memoria da sua primeira mulher, a mãe dos pequenitos, que morrera catholica e na persuasão de que catholicos deixava no mundo os seus filhos, como ella o fóra. Oppoz-se. Éline, que fóra sempre tão terna, tão meiga, tão doce, começou logo a tratar as creanças rudemente e a repellil-as. Entrara com ella a intolerancia religiosa. E o noivo, com grande mágua, começou a vêr o casamento desfeito.

Madame Ebsen exclamou pela primeira vez: «Mudaram-me a minha filha!»

A sua filha já não tocava piano como dantes. Já se não ria como dantes. Já não lia como dantes. Agora encerrava-se no quarto longas horas, sózinha, e chorava. Agora repellia as creanças, que ella tanto amava. Agora era fria com sua mãe, estranha e indifferente a tudo. Agora andava sempre aburrecida e perturbada. E madame Ebsen repetia:
— Mas o que tem ella? O que tem ella? Mudaram-me a minha filha!

— E' Port Sauveur... E' madame Autheman... disse Lorie em voz grave.

— Julgaes?...
— Sim... E' essa mulher... E' ella que nos rouba Lina.

— E' possivel... Tendes razão. Mas pagavam tão bem... Eram tão ricos... Vamos, tudo se ha de arranjar.

E n'esta illusão esperava a desgraçada d'olhos fechados.

O palacio de Port Sauveur, onde funcionavam as escolas evangelicas, era um verdadeiro convento, onde a educação e a catechese se faziam pelos mais missimos processos das casas catholicas. Alli fazia madame Autheman todo o seu trabalho de sedução sobre as mulheres que preparava para missionarias. Quando as via bem seduzidas, mandava-as correr mundo, com as palavras da Biblia: «Vae, minha filha, e trabalha na vinha do Senhor.»

E as desgraçadas lá iam, fanatisadas, porque só o fanatismo as poderia sustentar n'aquella vida árida e cheia de privações.

A's vezes, commettiam-se verdadeiros crimes n'aquella palacio. Uma pobre mulher consentiu, sem saber o que fazia, que a sua filhita fosse para Port Sauveur. Os sermões, a musica, a morte sempre, a morte como esperança, a morte como ameaça, encheram de tamanha tristeza a pobre creança, acostumada ao ar livre, que começou a declinar rapidamente. «Quero-me ir embora, dizia. Quero a minha mãe.» Anna de Beuil ralhava-lhe, ameaçava-a, não a deixava sahir.

De repente a neophyta cahiu n'uma fraqueza singular, cortada de crises nervosas, de visões sobre os mysterios do céu e do inferno, sobre o supplicio dos condemnados, sobre o supplicio dos condemnados, sobre a alegria dos eleitos sentados á meza divina, ora enchendo-a de delicias extaticas, ora fazendo-lhe bater os dentes de terror.

A pobre camponesa prérgava, prophetisava, erguia no leito o corpo emmagrecido, convulsionado por desordens internas, com gritos que enchiam todo o parque. A pobre mãe ouvia de fóra esses gritos, mas não a deixavam

entrar, a pretexto de emoção perigosa para a doente. Entrou por fim, mas quando a filha já não conhecia ninguem. A agonia começara, muda, tetanica, de dentes rilhados, com uma extraordinaria dilatação de pupillas, que subitamente esclareceu o medico sobre a causa d'essa estranha morte. A rapariga tinha apanhado no parque bagas de belladona e, inadvertidamente, comeu-as por cerejas. Não podia ser outra coisa.

— Não conhecia agora a minha filha cerejas... gritava a mãe desesperada.

Mas o medico dizia-o. Elle era infallivel. Elle que o dizia é porque era verdade, o que não impediu que a pobre mãe ficasse sempre convencida de que lhe tinham matado a filha, de que o medico estava peitado, opinião partilhada por toda a gente do sitio e das visinhanças.

Entre as operarias de madame Autheman, como ella lhes chamava, as raparigas bonitas como Éline Ebsen eram raras. Geralmente eram mulheres pobres, sem recursos, velhas solteironas ou desequilibradas como a Watson.

Madame Autheman punha, pois, todo o seu especial cuidado na catechese de Éline.

Uma tarde, depois de uma trovoadá, Éline, que ia de manhã para Port Sauveur, não appareceu em casa. A mãe esperava-a ansiosamente. Tudo lhe servia de pretexto para explicar a demora. Fóra a chuva. Não podia ser senão a chuva. Foi esperal-a á estação do caminho de ferro. Chegou o primeiro comboio. Mas a filha, nada. Outro comboio. Nada. Outro. Nada. Sempre nada! Afflicta, voltou para casa a correr. E ainda não tinha chegado á porta já perguntava á porteira se havia algum telegramma para ella. Nada!

Vieram-lhe suores frios. Estaria Éline doente? Mas se estava, que séres eram aquelles de Port Sauveur que não preveniam uma mãe afflicta? Não podia ser. Eram séres humanos!

Não se deitou. Ficou sentada n'uma cadeira, com a luz acesa, contando as horas, os minutos, os segundos, apurando o ouvido ao mais pequeno ruído, com o coração palpitando quando sentia o rodar d'alguma carruagem na rua, com as esperanças loucas, com as superstições febris de todos os que esperam com ansia. «A terceira carruagem que passar, dizia a si propria, é a carruagem em que ella vem.» Mas passou essa, e passou outra, e outra, os ruídos das rodas iam-se desvaneecendo ao longe na calçada, de manhã veio o rodar pesado das carroças dos vendedo-

res ambulantes e Éline sem apparecer. Então adormeceu, com a bocca aberta, a carne inchada, calhada para traz na cadeira, aquelle somno das grandes noites de afflicção e de fadiga, somno das noites murtuarias, verdadeira syncope de embriaguez, a que foi arrancada por grandes pancadas na porta e vozes de:

«Madame Ebsen... Madame Ebsen... Cá está; chegou; julgo que é da sua filha...»

Era uma carta.

A pobre mãe correu. Se sua filha escrevia, era porque não estava doente. Rasgou soffregamente o sobrescripto. E leu:

«Minha querida mãe.

Com receio de te affligir tenho recuado perante uma resolução em minha alma tomada desde certo tempo. Mas chegou a hora. Deus chama-me; vou para elle. Estarei longe, quando esta carta te chegar ás mãos. Se a nossa separação será longa, quanto durarão estes dias de prova, ignoro-o; terei, comtudo, o cuidado de te dar noticias minhas e de te fornecer occasião de m'as dares de ti. Fica certa de que não te esquecerei e de que pediré ao Senhor misericordioso que te abençoe e te deixe viver feliz e em paz.

Tua filha muito dedicada,

Éline Ebsen.»

Madame Ebsen começou por não comprehender bem e tornou a lêr vagorosamente, phrase por phrase, até á assignatura... Éline... Era Éline, sim, que tinha escripto aquillo. A letra estava um pouco tremida, mas era a letra d'ella. A sua filha, a sua Lina, a sua Linette... Ah! mas não fóra ella. Fóram aquellas loucas que a obrigaram, que lhe agarraram na mão para escrever.

Donde vinha a carta? Foi vér o carimbo: Petit-Port. Então ainda não tinha partido. Então ainda ella a encontrava. Ia lá a correr e veríamos se lhe roubavam a sua Lina.

E enquanto se vestia, e enquanto ia no comboio, ligava os factos passados, reflectia nos antecedentes.

Só então viu os manejos traiçoeiros, systematicamente preparados e executados, para lhe roubarem a filha. A primeira visita de Anna de Beuil e as suas investigações curiosas sobre as pessoas que se davam com ellas em Paris, sem duvida para adquirir a certeza de que podiam manobrar impunemente; a reunião na Avenida de Termes, onde sua filha se assentou no estrado... que horror!... ao lado d'aquella louca; por fim a phrase de madame Autheman, quando foi convidar Éline para leccionar nas escolas de Port Sauveur, aquellas palavras dietas em tom perfido e frio por aquella linda bocca contrahida: «Amaes muito vossa filha?...»

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneras do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chemicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Balrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, patochos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereas e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante comissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, talha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

Nesta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—**AVEIRO**

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem 'construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—BUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

POVO DE AVEIRO

Almanach Illustrado DO "OCCIDENTE" Para 1901

Este excellentissimo almanach, um dos melhores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto á venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e selectamente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja colleção é já hoje bastante valiosa, o *Almanach do Occidente para 1901*, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, anniversario da batalha do Bussaco, convento de Carmo em Lisboa, a campanha contra o Matará, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no claustro, as romarias portuguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta da Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiva, actris Angela Pinto, 1.º centenario do patrão Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobressahindo uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustres dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel Almanach, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*, Largo do Poco Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa splendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Coude Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHAO)

R. da Costeira—**AVEIRO**

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e do Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.

AFRICA OCCIDENTAL

em 4, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

89—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão ahejo (Luz. Gam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapalaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicicletas *Clement* e machinas de costura *Memoria*, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharas, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.— Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.